Segurança Desprotegidos, pequenos negócios são os principais alvos de ataques para roubo de segredos

Inovação atrai espiões ao Vale do Silício

Ashlee Vance e Michael Riley
Bloomberg Businessweek

Na véspera do último Natal, um homem invadiu a sede da Adara Networks em San Jose, na Califórnia, usando cópias de chaves físicas e eletrônicas. Ele parecia saber exatamente o que estava procurando. O ladrão deixou fileiras de mesas intocadas enquanto se dirigia ao laboratório que tinha o código-fonte do software de rede para centro de dados criado pela Adara. Felizmente para a companhia, um alarme no piso do laboratório disparou e o homem fugiu.

Crimes do tipo "invasão e roubo", em que bandidos surrupiam laptops, acontecem ocasionalmente no Vale do Silício. Mas o diretor-presidente da Adara, Eric Johnson, percebeu que seu caso era mais sério. A tecnologia de rede de nova geração da Adara poderia ser atraente para nações interessadas em abocanhar uma parcela maior do mercado global de telecomunicações. Por isso, Johnson contratou profissionais para vasculhar os escritórios em busca de grampos, para o caso de a companhia estar sendo espionada por algum governo estrangeiro. Os executivos da Adara enviaram um e-mail para os funcionários, detalhando a invasão e solicitando maior vigilância de todos, que foram ordenados a ficar confinados, segundo afirmam vários funcionários e ex-funcionários, que não quiseram dar mais detalhes para não contrariar Johnson. Por meio de intermediários, o executivo disse que não comentaria o assunto.

O Vale do Silício tem um longo histórico de roubos e espionagem. Um ano antes da invasão da Adara, um ladrão arrombou uma porta da companhia de softwares de rede Nicira, uma concorrente da Adara, em questão de segundos. Ele seguiu diretamente para a mesa do principal engenheiro da companhia e roubou um computador que tinha o código-fonte de um dos mais promissores softwares do Vale do Silício. (Posteriormente, a Nicira foi comprada pela fabricante de softwares VMware por US$ 1,2 bilhão.) Dado o alvo e a destreza com que o crime foi praticado, investigadores federais americanos suspeitam que a Rússia ou a China estejam por trás da invasão.

Em décadas passadas, espiões da KGB espreitavam em bares como o Walker's Wagon Wheel, de Mountain View, na Califórnia, frequentado por engenheiros de semicondutores. De 1994 a 1998, o FBI manteve uma equipe denominada "Valley Bear" (Urso do Vale), cuja missão era proteger as inovações da computação classificadas como importantes para o futuro dos Estados Unidos, segundo conta Terry Turchie, um ex-agente de contraespionagem do FBI. Nessa época, diz ele, Rússia, China, Índia, Israel e outros países tinham espiões trabalhando no Vale do Silício. Os 12 especialistas em contraespionagem que hoje fazem parte da equipe do escritório do FBI em Palo Alto concentram-se principalmente na China, afirma uma pessoa a par de suas operações.

Para testar vulnerabilidades, companhias pagam por 'testes de invasão' em ambientes e dispositivos

A outra grande mudança ocorrida desde os dias da "Valley Bear", segundo Kevin Phelan, agente supervisor especial do FBI que comanda a unidade de Palo Alto, é que os espiões estrangeiros estão agora tão voltados às empresas novatas e de pequeno porte quanto às companhias de computação já estabelecidas. Eles chegam a criar empresas de capital de risco para prospectar oportunidades. Ao identificar alguma propriedade intelectual digna de ser roubada, a operação propriamente dita geralmente é fácil, uma vez que uma empresa jovem típica sempre enfrenta limitações orçamentárias e dá prioridade a coisas como a entrega de comida e o acesso irrestrito ao escritório em detrimento de uma segurança mais rígida.

Para dificultar as coisas para os ladrões, algumas companhias estão pagando pelos "testes de invasão", contratando consultores de segurança para analisar seus sistemas de defesa. Os testes incluem ingressar nas instalações da companhia sem o crachá de visitante, deixar pen drives com vírus no estacionamento, para que funcionários incautos os encontrem e os conectem em seus computadores, e até entregar na companhia uma caixa enorme da FedEx (falsa) com uma pessoa dentro, equipada com aparato de respiração e um periscópio. (Esse último truque é arriscado: em uma ocasião, a caixa ficou fechada em uma sala de correspondência superaquecida da companhia que era alvo do teste.) "Temos desde empresas de 12 funcionários até as maiores existentes que solicitam esse tipo de serviço", diz Steve Stasiukonis, um executivo da consultoria Secure Network Technologies. "Geralmente, as empresas que se preocupam mais são aquelas que possuem propriedade intelectual muito boa."

Após a invasão da Adara, o pessoal da limpeza do prédio foi demitido e substituído, enquanto a segurança foi duplicada e os vigias passaram a portar arma, segundo afirmam funcionários da empresa. Johnson contratou investigadores particulares para analisar mais a fundo gravações de vídeo e conversar com vizinhos. Em uma plataforma de carga que fica do outro lado da rua, trabalhadores disseram ter visto o motorista de um carro suspeito circulando pelo local naquela noite, e tiraram fotografias da placa do veículo, segundo conta o tenente Michael Sterner, da Rapid Enforcement Allied Computer Team, uma força-tarefa estadual que investiga crimes relacionados ao setor de tecnologia. Sterner diz que as fotos da placa do carro ajudaram a encontrar o suspeito.

A polícia acusou formalmente Andrew Madrid, um gatuno do Vale do Silício, pela invasão da Adara. Madrid, um ex-consultor de tecnologia da informação (TI), foi condenado a dois anos de prisão em 2009 por uma série de roubos "high-tech", em que ele invadia computadores empresariais e roubava dados pessoais como números de cartão de crédito. Sterner diz que o acusado mostrou ser um especialista em burlar sistemas de segurança de complexos de escritórios de pequenas empresas do Vale do Silício.

De agosto de 2012 a abril deste ano, Madrid invadiu mais de três dezenas de empresas no Vale, incluindo a Adara, segundo alegam promotores públicos. "Todo mundo precisa de um hobby e esse aí encontrou um", diz Tom Flattery, procurador-geral adjunto do condado de Santa Clara.

Madri sofreu 45 novas acusações criminais, incluindo 31 de roubos comerciais. Assim como os espiões da China, Madrid se concentrava em pequenos proprietários que não investiam muito em proteção, diz Sterner. A polícia estima que ele roubou bens avaliados em US$ 400 mil e gastou milhares de dólares mais com cartões de créditos roubados. Ele está sendo mantido preso, sob uma fiança de US$ 1 milhão, enquanto aguarda uma audiência pré-julgamento; seu advogado não quis falar sobre o assunto. Não se trata de espionagem, mas ele poderá pegar mais de 29 anos de cadeia. Phelan, do FBI, continua alertando empresas novatas que a segurança deveria ser sua maior prioridade.

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 28 out. 2013, Empresas, p. B15.